

FH: juros caem para no máximo 12% no fim do ano

Presidente diz a empresários alemães que o pior da crise já passou e que a queda do PIB pode ficar em no máximo 2,5%

Reuters

Cristiane Jungblut
Enviada especial

● BONN, Alemanha. O presidente Fernando Henrique Cardoso apresentou ontem a empresários alemães um quadro otimista da situação econômica do Brasil, afirmando que as taxas de juros estarão entre 10% e 12% no fim deste ano e a inflação se manterá abaixo de 10%, contrariando as previsões feitas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e o próprio Governo.

De acordo com a estratégia de fazer um *road-show* pela Europa para atrair investimentos para o Brasil, Fernando Henrique fez um longo discurso em inglês, no qual garantiu aos empresários que a reindexação não voltará porque a sociedade brasileira não aceita mais aumento de preços e porque até mesmo os sindicalistas são contra a medida.

Desafio, segundo presidente, é manter equilíbrio do câmbio

Fernando Henrique fez questão de citar a CUT como uma das entidades sindicais que é contra a reindexação da economia. Ao comemorar a rápida recuperação do real frente ao dólar, o presidente acabou citando o fato de o Banco Central ter tido que intervir nos últimos dias no mercado para evitar que a moeda americana caísse muito e dizendo que o desafio é manter um equilíbrio na cotação do dólar.

— Pretendemos chegar a níveis razoáveis de taxas de juros (10% a 12%) no fim do ano. O Governo já reduziu os juros, e o mercado está reduzindo mais do que isso. Estamos seguindo o mercado, que prevê uma queda maior dos juros, mas o Governo está sendo cauteloso — disse Fernando Henrique.

Em outras ocasiões, Fernando Henrique falou sobre a meta de reduzir os juros para 12% ao ano — percentual previsto na Constituição brasileira — como algo difícil de alcançar. No caso da inflação, o presidente disse que o Governo fará todo o possível para que ele fique abaixo dos 10%, apesar de o FMI, no acordo feito com o Brasil, apontar para uma inflação de cerca de 17% este ano. Nesse momento, Fernando Henrique lembrou seus discursos no Brasil ao criticar as previsões pessimistas, citando a estimativa de um banco de que a inflação poderia alcançar 60% este ano.

— São apenas exercícios e alguns sempre preferem as hipóteses pessimistas. Alguns, com um pessimismo enorme, insistem na reindexação. Ela não está ocorrendo, e a CUT divulgou um estudo mostrando que ela não é boa para os trabalhadores porque ela provocaria perdas — disse Fernando Henrique, citando dados de uma central sindical que faz oposição ao Governo.

Presidente acredita em queda menor do PIB

Ao afirmar que o Brasil já está superando a fase mais crítica da crise, o presidente rebateu informações de que o Brasil terá uma queda do PIB de 3,5% a 4%. Em tom de brincadeira, ele disse que, em vez de retração da economia, poderia haver crescimento zero ou até crescimento positivo.

— Vamos falar de um crescimento zero, se as condições forem as mesmas de hoje? Talvez algo positivo — disse o presidente, piscando para o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, e acrescentando:



O PRESIDENTE FERNANDO Henrique acompanha o chanceler alemão Gerhard Schroeder em revista à guarda: "Vamos fazer de tudo para que o PIB não caia"

— É uma brincadeira. Mais tarde, em entrevista aos jornalistas, Fernando Henrique disse que alguns analistas já estão revendo essa previsão de queda do PIB e já falam numa retração de 2% a 2,5%. — Vamos fazer de tudo para que o PIB não caia — disse ele. Ainda bem-humorado, o presidente afirmou que a recuperação do real foi muito rápida, o que está forçando o Banco Central a intervir no mercado, já que o acordo com o FMI prevê uma cotação do dólar entre R\$ 1,60 e R\$ 1,70. Nesse momento, Fernando Henrique disse, de forma irônica:

— O Banco Central está sendo obrigado até a comprar dólares para sustentar a cotação. Isso é fantástico, mas é verdade. Para tranquilizar os investidores, o presidente disse ainda que o Brasil não fará nenhum tipo de moratória e nem adotar a dolarização da economia. Segundo ele, o compromisso do Governo agora é fazer o ajuste das contas públicas. No Congresso a prioridade é a reforma tributária. — Não acredito na dolarização da América Latina. No Brasil, nunca tivemos a prática de dolarizar nossas poupanças. E como vamos dolarizar sem ter o controle

do Federal Reserve, o Banco Central americano? Se isso incluir o controle do Fed, OK — respondeu Fernando Henrique a um empresário alemão, provocando risos. O presidente disse que o Congresso deu ao Governo todos os instrumentos para que se faça o ajuste fiscal. O compromisso, segundo ele, é produzir os superávits acordados com o FMI. — A decisão do presidente é clara: manter nosso ajuste orçamentário. O Congresso nos deu todos os instrumentos para isso. Não temos mais desculpas. No caso da reforma tributária, ela é complexa e, então, não quero di-

zer se vai ser concluída este ano. Agora, é errado pensar que a reforma tributária tem a ver com o ajuste fiscal. Ela é estrutura e o ajuste é um programa de três anos — disse ele, acrescentando que a reforma tributária é prioridade número um no Congresso e que será negociada pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, e por Everardo Maciel. Ele terminou a exposição elogiando o processo de privatização e pedindo mais investimentos alemães no país, que são hoje de US\$ 10 bilhões: — Não houve manobras ou suspeitas no nosso processo de privatização. ■